

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO JORNAL DAS FAMÍLIAS NO OITOCENTISMO BRASILEIRO

Data de submissão: 25/07/2023

Data de aceite: 02/10/2023

Willian Henrique da Silva Nunes

Universidade Estadual do Centro Oeste -
Unicentro
Guarapuava - Paraná
<https://lattes.cnpq.br/1769084180821108>

RESUMO: A presente pesquisa tem como *corpus* a *Revista Popular* (1859-1862) e sua transformação no *Jornal das Famílias* (1863-1878), no período em que foi dirigida por Baptiste Louis Garnier. Será feita análise dos textos publicados por Machado de Assis, neste periódico, que apresentam a representação das mulheres nos anos 1800. Para a pesquisa serão utilizados pressupostos teóricos de Marlise Meyer (1924-2010) e Dulcília Schroeder Buitoni (1947), bem como teoria acerca da obra de Machado de Assis.

PALAVRAS-CHAVE: Jornal das Famílias; representação feminina; Machado de Assis.

THE REPRESENTATION OF WOMEN IN THE *JORNAL DAS FAMÍLIAS* IN 19TH-CENTURY BRAZIL

ABSTRACT: This research has as study object the 'Revista Popular' (1859-1862)

and its transformation into the 'Jornal das Famílias' (1863-1878), during the period when it was directed by Baptiste Louis Garnier. An analysis will be made of the texts published by Machado de Assis in this periodical, which present the representation of women in the 1800s. For the research, theoretical assumptions of Marlise Meyer (1924-2010) and Dulcília Schroeder Buitoni (1947) will be used, as well as theory about the work of Machado de Assis.

KEYWORDS: Jornal das Famílias; female representation; Machado de Assis.

1 | INTRODUÇÃO

A importância de Machado de Assis para a literatura brasileira é incontestável, visto isso, a pesquisa se volta para a faceta jornalística de Assis, em especial, sua participação no *Jornal das Famílias* (1863-1878).

O *Jornal das Famílias* não foi uma invenção que surgiu em 1863, mas sim uma transformação da antiga *Revista Popular* que teve seu encerramento em 1878, os periódicos foram planejados pelo editor Baptiste Louis Garnier (1823-

1893), que veio para o Brasil em 1884 e ajudou no desenvolvimento do comércio brasileiro editorial. Meyer (1994) aponta que, em 1853, surgem na França alguns jornais que em muito se assemelhavam ao *Jornal das Famílias*. Nesta época, Machado de Assis já ensaiava a pena de cronista e crítico literário em jornais brasileiros, e suas leituras, muito provavelmente, incluíam estes jornais-romances franceses, que contavam mais de vinte periódicos com 115 mil tiragens em média. Assim como posteriormente aqui, no Brasil, continham um pouco de tudo, relatos de viagem, crônicas, histórias, economia doméstica e principalmente romance, melhor dizendo, romances, porque publicara mais de um número, alguns até inéditos. Com ares franceses, a revista oitocentista *Jornal das Famílias* começou a ser publicada em janeiro de 1863 pelo editor francês Baptiste Louis Garnier, impresso em Paris, o periódico era vendido semanalmente. O primeiro número foi acompanhado do seguinte apelo aos leitores:

O benigno acolhimento com que foi sempre recebida, durante cinco anos completos, a Revista Popular, já pelo público desta Corte, já pelo das demais províncias do império, é credor da cordial gratidão que, com prazer, lhe tributamos. [...] Hoje, mais corajosos do que antes, convencidos de que aquele auxílio não nos abandonará, e por isso mesmo que desejamos correspondê-lo de algum modo mais plausível, resolvemos sob o novo título de *Jornal das Famílias*, melhorar a nossa publicação (JORNAL DAS FAMÍLIAS, 1864, p.1).

O *Jornal das Famílias*, pois, é a mesma *Revista Popular*, doravante mais exclusivamente dedicada aos interesses domésticos das famílias brasileiras (*Jornal das Famílias*, jan. 1863, p. 1-2). A antiga *Revista Popular* foi transformada em *Jornal das Famílias* para, como afirma a redação para melhorar a publicação.

Na *Revista Popular*, as mulheres tinham colunas direcionadas, sendo elas específicas de costura para as solteiras e as de economia doméstica para as casadas. Quando a revista se transformou no *Jornal das Famílias*, o foco no público feminino se tornou mais amplo, apresentando também folhetins.

A substituição de um periódico por outro foi anunciada em 1862, quando a *Revista Popular* publicou em sua última edição:

Depois de quatro anos de brilhante carreira, e já no seu 16º volume, cessa a Revista Popular, ou antes, se transforma em nova publicação. [...] Certos de que os assinantes da Revista Popular continuarão a ser também do *Jornal das Famílias* brasileiras, lhes remeteremos mensalmente o novo jornal. As mães de família não devem recear que ele penetre em seu santuário. Haverá todo o cuidado, como na Revista Popular, para a escolha dos artigos. (*Revista Popular*, tomo 16, 1862, p.361)

Agradecemos também aos babeis e amenos litteratos que se não esquecerão de enfeitar as nossas páginas com aquellas lindas produções cabidas de suas pennas cm horas de mágica inspiração, com aquellas flores que tão perfumadas e formosas offerecêrão ás nossas leitoras (JORNAL DAS FAMÍLIAS, 1864, p.3).

Os dois periódicos de Garnier, apesar de serem dirigidos pelo mesmo editor, tinham

suas especificidades e diferenças. A *Revista Popular* abrangia um público maior, não se limitando apenas às tarefas domésticas, mas também contendo questões de agricultura, entre outras.

Na *Revista Popular*, Garnier havia percebido o grande público feminino que a revista concentrava, como destaca Alexandra Santos Pinheiro (2007), ao afirmar que, nas publicações da *Revista Popular*, já é possível deduzir que o astuto francês havia percebido a importância das mulheres leitoras, tanto que a elas são oferecidas seções como Economia Doméstica, Higiene, Poesia e Narrativas. Então, ele pontua que algumas colunas que serão direcionadas exclusivamente para leitoras, são elas: economia doméstica, costura e moda.

Agora duas palavras convosco, amáveis leitoras. Não vos escandalizeis, julgando descortez dirigirmo-nos em último lugar à melhor metade do gênero humano inteiro, em que tendes a devida parte, e o que passamos a dizer é só para vós, e muito em particular. Houve tempo, em que a mulher só cultivava o coração, hoje cultiva também o espírito. Não haverá pois na *Revista* parte alguma, que por qualquer princípio vos esteja vedada, formosas filhas de Eva; mas haverá uma privativamente vossa, pelo que ficareis melhor aquinhoadas. (Assinais pois ou fazeis assinar vossos pais ou maridos, que é o mesmo). Os trabalhos de agulha para as solteiras, a economia doméstica para as casadas, e as modas para todas tudo isto é do vosso exclusivo domínio e nós lhe reservamos um cantinho (REVISTA POPULAR. t. 1, 1859, p. 3-4).

Podemos perceber que esse “cantinho” que seria dedicado às leitoras se baseava no modelo social da época, impondo à mulher um lugar privado, dentro do lar. Nisso passa a se firmar as colunas domésticas no *Jornal das Famílias*. Garnier se depara com um grande público de leitoras, eis que surge uma possibilidade de expandir o seu público trazendo a literatura e a poesia. É o que justamente ocorre a partir de 1860, as narrativas começam a ser implantadas nos periódicos e firmando as mulheres como o público alvo de Garnier.

Assim, pensando no aumento do número das leitoras, o empresário Garnier muda o foco de seu empreendimento. Do periódico eclético, destinado “a todos”, passa a investir em um jornal com seções restritas: narrativas, poesias, culinária, higiene e moda, voltadas para um único público específico - as mulheres. Na realidade, a partir, principalmente, da segunda metade do século XIX, muitos outros periódicos são idealizados para um público de leitoras (PINHEIRO, 2007, p.56).

Vários autores publicaram em jornais neste período, devido justamente ao grande público de leitores que os periódicos estavam alcançando. Machado de Assis foi um deles, ele tinha grande admiração pelo trabalho de Garnier e sempre que podia demonstrava seu prestígio pelo francês. Machado destaca os conteúdos abordados pelas colunas nos jornais, enfatizando o “bom tom”, o qual seria os padrões da sociedade oitocentista:

Melhorando de dia para dia, as edições da casa Garnier são hoje as melhores que aparecem entre nós. Não deixarei de recomendar aos leitores fluminenses a publicação mensal da mesma casa, o *Jornal das Famílias*, verdadeiro jornal para senhoras, pela escolha do gênero de escritos originais que publica e pelas novidades de modas, músicas, desenhos, bordados, esses mil nadas

tão necessários ao reino do bom tom (JORNAL DO COMMERCIO, 1865).

As dicas domésticas e de moda, apesar de serem ditas para todas as mulheres, só chegavam efetivamente até aquelas que tinham um poder aquisitivo mais elevado, podendo pagar mensalmente pelos periódicos. O jornal de Garnier em questão de valores se igualou ao *Sexo feminino* de 1874, como pontua Alexandra:

O Jornal das Famílias, que circula mensalmente no Rio de Janeiro, tem em torno de 32 páginas fartamente ilustradas, sendo que algumas imagens são coloridas. Como é editado em Paris, indica dois endereços para correspondência: rua do Ouvidor, 65, livraria de B. L. Garnier, Rio de Janeiro, e rua de l'Abbaye, 14, em Paris. A assinatura anual custa 10\$000 para o Rio de Janeiro e Niterói e 12\$000 para as províncias⁴⁴; valor igual ao da assinatura cobrada pelo *Sexo Feminino*, em 1874, também destinado às mulheres, e que circula no mesmo período que o do jornal de Garnier (PINHEIRO, 2007, p.60).

Devido aos seus valores mensais, os periódicos adquiridos anualmente eram mais caros que muitos dos livros dos autores que escreviam para estes jornais, ou seja, mesmo os livros sendo mais baratos acabavam sendo substituídos pelas leituras dos folhetins nos jornais, visto que os periódicos traziam mais colunas além das literárias.

2 | MACHADO DE ASSIS JORNALISTA

Machado de Assis passou um grande período publicando semanalmente em jornais no oitocentismo brasileiro, a época que foi marcada por grandes periódicos entre 1860 e 1890, também foi a época em que se houve uma ascensão da leitura no país, ocasionada por esses jornais.

Os jornais, por sua vez, apresentavam folhetins semanais voltados ao romântico, focando posteriormente nas suas leitoras e donas de casa. Os folhetins tinham que agradar as leitoras, mas também tinham que agradar os seus maridos e pais, pois não poderiam apresentar ideias que contrapunham o sistema da época, patriarcal. Eram publicados de forma semanal, e eram sequenciados, para que despertasse a curiosidade nos leitores, e assim, garantindo a compra do jornal seguinte. Outra questão que impactava na extensão dos folhetins era o pagamento que os escritores recebiam, os quais como pontua Jaison Luís Crestani (2006) eram determinados pelo número de linhas publicados em cada narrativa:

De certo modo, essa questão também está ligada à própria remuneração dos jornalistas. De acordo com José Alcides Ribeiro¹², o pagamento dos escritores da época era calculado segundo as linhas escritas, de modo que estes se sentiam pressionados a alongar ao máximo suas composições artísticas. Neste caso, o diálogo tornava-se uma das formas mais eficazes de se alcançar esse alongamento, porque a cada frase – às vezes, a cada palavra – há espaços em branco e se ganha uma linha (CRESTANI, 2006, p.6).

Da *Revista Popular* ao *Jornal das Famílias*, o folhetim foi o veículo da literatura no

século XIX e o primeiro recurso de publicidade dos escritores, que o utilizavam almejando a posterior edição dos textos literários em livro. Não demorou muito para que esses romances seriados passassem a ditar as regras do próprio suporte e se transformassem, eles mesmos, numa condição primeira para se fazer romance na França. Apesar do folhetim ser positivo para o cenário literário, por fomentar um alastramento da produção literária, o que se passou no tempo de seu surgimento dissonou do progresso que ele evocava.

Machado passou um tempo do *Jornal das famílias* sendo o único colaborador na seção “Romances e Novelas”, foi esse um dos motivos também que o fez prolongar o final de suas histórias, tendo algumas que passaram de quatro edições até chegarem ao seu desfecho.

As produções dos escritores eram regidas pela sociedade, sendo assim, não se eram aceitas críticas à religião e nem ao modelo de família que se existia na época, tão pouco aos moldes políticos. Os romances se caracterizavam com um teor de entretenimento, sem se preocupar com formulações de personagens complexos e de tramas bem trabalhadas

No plano literário, provavelmente por intervenção das preferências do público leitor, havia uma tendência claramente voltada para a literatura de amenidades, essencialmente romântica, pouco preocupada com o teor artístico das produções. Expostas as características predominantes do periódico, passaremos, na seqüência, a analisar o modo como o estreante Machado de Assis lidou com esses fatores de produção em seus primeiros contos, sobretudo no que diz respeito a questões relacionadas à moralidade, à tendência romântica, à extensão das histórias, ao modo de caracterização das personagens e às formas de relacionamento com o leitor (CRESTANI, p.7, 2006).

Machado de Assis, em alguns de seus contos, acaba mascarando críticas sociais e mantendo seus romances nos jornais. O que é o caso de “Frei Simão”, publicado em 1864, a história consiste em um romance proibido entre primos, em que Helena que é órfã se apaixona pelo seu primo quando vai morar com ele e seus pais. Os dois são impedidos de se relacionarem pelos pais de seu primo, eis aí o ponto da crítica de Machado.

A época apresentava um costume bastante recorrente, o casamento arranjando. Com o conto “Frei Simão”, Machado de Assis critica o que importa para os tios de Helena, que o filho deles se casasse com uma moça que detinha bens materiais e não se importando com a felicidade dele.

Neste caso, permitir o casamento entre os dois jovens era anular qualquer expectativa de ascensão social da família. A solução forjada pelo pai foi enviar Simão para uma província a título de entregar cartas e ultimar alguns negócios com seu correspondente. Durante o período inicial de separação, os namorados trocaram muitas cartas apaixonadas, até que o pai descobriu e passou a interceptar as correspondências. A separação foi mantida até que o pai conseguiu casar Helena e afastá-la de casa. Depois disso, o pai dá notícias a Simão de que Helena havia morrido, mas que ele poderia se consolar “casando-se com outra”, filha de um conselheiro, “um bom partido” (ASSIS APUD CRESTANI, p.8, 2006).

Neste conto, podemos ver uma característica do Machado de Assis, o *Jornal das famílias* não aprovava nenhuma crítica que fosse feita às famílias da época, mas o escritor acaba criticando a ambição social e a obrigatoriedade de uma construção familiar ligado ao sucesso. Outra questão que se diferencia neste conto dos romances é o final, pois ele se consagra feliz, já que Helena morre e seu primo entra em um convento, onde posteriormente acaba também falecendo.

Lúcia Granja (2009) pontua que, na função de jornalista, Machado põe em prática suas ideias como crítica. Por detrás da coerência entre esses dois papéis está o homem. Do alto de um dos espaços possíveis de tribuna naquela sociedade, dos mais privilegiados, Machado fala moral e politicamente ao público e exige daqueles que podem lê-lo as primeiras atitudes para uma necessária mudança. “Que ele seja “miope” e “cabeçudo”, vá lá; mas está longe, é claro, do prosaísmo que se atribui, ou de ser um “pobre-diabo” (GRANJA, p.5, 2009).

3 | O JORNAL DAS FAMÍLIAS E O UNIVERSO FEMININO

As mulheres do século XIX eram destinadas às tarefas domésticas e todo seu interesse devia se voltar ao lar, reforçando o ideal patriarcal. Neste sentido, os enredos escritos no período eram feitos, predominantemente, por homens, onde a figura feminina se restringia ao âmbito familiar.

Os jornais da época retratavam a face patriarcal da sociedade oitocentista, mas haviam jornais que também contrariavam tal posicionamento, focando na luta e conquista de espaços antes ditos como só masculinos.

De acordo com Zahidé Lupinacci Muzart (2003), em seu artigo “uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX”, este espaço das mulheres na imprensa só se fez a partir do primeiro quartel do século XX, antes disso o que se teve foram homens escrevendo sobre mulheres de forma estereotipada.

No Brasil, a literatura feminina somente começa a ser visível, ou um pouco respeitada, no primeiro quartel do século XX. Ainda que produtivas, nossas escritoras ficaram excluídas da historiografia literária, mas, curiosamente, embora à margem, a literatura feminina foi presença constante nos periódicos do século XIX, tanto nos dirigidos por homens quanto nos inúmeros criados e mantidos por elas próprias (MUZART, 2003, p.205).

A voz feminina sempre foi deixada em segundo plano pela voz masculina, mesmo quando o foco era exclusivamente as mulheres, temos essa noção desde o início da indústria jornalística brasileiro com Pierre Placher. O qual foi pioneiro nos jornais de público feminino, com “*O Espelho Diamantino*” que circulou no Rio de Janeiro entre 1827 e 1828. Em sequência, em 1829-1832, José Alcebíades Carneiro entrou na história dos periódicos femininos com “*O mentor das Brasileiras*”.

Nestes dois primeiros jornais, podemos perceber, logo pelo título, como os homens

se projetavam perante a figura feminina, se colocavam “acima das mulheres e como guias responsáveis pela mudança de seu *status quo*”(DUARTE, 2016, p.21) como afirma Constância Lima Duarte no seu livro “Imprensa Feminina e Feminista no Brasil: Século XIX- dicionário ilustrado” (2016).

Na segunda metade do século XIX, surge de forma sutil o protagonismo feminino, mulheres se encorajam a publicar jornais editados por elas. É, neste momento, que Joana Paula Manso ultrapassa as barreiras postas pelos antigos periódicos e se lança em uma escrita fora da moda e literatura, mostrando também muitas vezes críticas de forma mais contida. As mulheres se mostravam muito receosas perante essas publicações, tanto que até mesmo as colaboradoras preferiam o anonimato. “Até a autora da seção de modas mostrava-se temerosa de um possível ridículo e, admitindo que lhe faltasse a coragem da editora, requereu seu anonimato fosse mantido” (LIMA, 2007).

A imprensa feminina com mulheres na editora veio de encontro ao tradicionalismo, explodindo pelo país posteriormente suas publicações, Muzart destaca:

Ora, pois, uma Senhora à testa da redação de um jornal! que bicho de sete cabeças será?": essa é a frase-chave do editorial de Juana Paula Manso. O periódico abordava temas como moda, literatura, belas-artes, teatro e crítica. Mas era o primeiro redigido inteiramente por mulheres e o bicho-de-sete-cabeças era a mulher-chefe de um jornal... Essa atitude vem romper com a imprensa tradicional, que dedicava ao público feminino tão-somente temas como bordados, cosméticos e modas, e criar um canal para as reivindicações das mulheres e, sobretudo, um motor impulsionador de instrução, de educação, de mudança de atitudes, de idéias. A imprensa feminista teria nascido, pois, no Brasil, com a argentina Juana Paula Manso, cujas idéias foram logo encampadas por outras mulheres que também se tornaram jornalistas, e isso foi uma verdadeira bola de neve, pois os periódicos pipocaram por todo o país (MUZART, 2003, p.207).

A escrita feminina nos jornais se distancia muito de escrita feminista, pois ela não necessariamente busca pela liberdade da mulher, muito pelo contrário, muitas vezes, quando havia, era regida por uma modelo em que limitava à mulher as tarefas domésticas, e cuidados com a beleza, como por exemplo o artigo de Pauchita Montez “A arte da Beleza: artigo para somente ser lido por senhoras” (1863).

Muitos homens fazem estudo especial do modo de aperfeiçoar a sua pessoa, dedicando por habito horas e horas á tão importante cuidado, mas, por fim de contas, nem mesmo essas excepções, pois não de conceder-me que de excepções não passam, chegarão jamais a ter metade do geito nem do tacto fino que por instincto possui a mais desastrada d'entre nós, uma vez que haja recebido educação adequada (JORNAL DAS FAMÍLIAS, 1863, p.2).

Neste artigo, Pauchita coloca a beleza feminina como algo inerente da mulher e natural, mas o qual deve ser cuidado e preservado. De acordo com a escritora, as mulheres, mesmo as mais desastradas, têm a essência da beleza em si, se tiverem recebido uma educação adequada. Ela utiliza do livro de sua tia Lola Montez, colocando-o como uma obra

digna de ser estudada nas escolas, visto que isso não aconteça ela passa os ensinamentos diretamente às jovens, como ela mesmo declara “Minhas meninas! Dificil cousa é dizer no que consiste a beleza” (JORNAL DAS FAMÍLIAS, 1863, p.2).

Ela passa ao longo das páginas descrevendo e forçando o estereótipo sobre o corpo feminino, e coloca como obrigatório o cuidado da mulher para com seu corpo, sendo assim alimentando a ideia de que as mulheres são mais delicadas e possuem uma vaidade mais aflorada.

A escrita feminista por sua vez vem surgindo pela luta feminina por seu espaço na sociedade. Zahidé Lupinacci Muzart afirma em seu artigo “Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX”:

Uma das razões para a criação dos periódicos de mulheres no século XIX partiu da necessidade de conquistarem direitos. Em primeiro lugar, o direito à educação; em segundo, o direito à profissão e, bem mais tarde, o direito ao voto. Quando falamos dos periódicos do século XIX, há que se destacar, pois, essas grandes linhas de luta (MUZART, p.226, 2003).

Buitoni (1990) assevera que o universo feminino foi regido pelo sexo masculino, e alguns temas são postos como exclusivamente femininos. Estes são relacionados ao universo doméstico, moda e culinária:

Poesias, receitas de bolo, reportagens, figurinos, consultório sentimental, artigos de psicologia, entrevistas, testes, horóscopos, contos, fofocas, maquiagem, plantas de arquitetura, moldes, saúde, educação infantil, tudo parece caber dentro da imprensa feminina. Sua área de abrangência parece infinita: embora freqüentemente ligados ao âmbito doméstico, seus assuntos podem ir da dor de dente no filho de sete anos à discussão da política de controle da natalidade, passando pelos quase inevitáveis modelos de roupa e pelas receitas que prometem delícias (BUITONI, 1990, p. 8).

A construção da figura feminina se baseava nos estereótipos que os folhetins passavam às famílias, também ao sistema patriarcal da época. O que fazia estes jornais circularem de forma efetiva pelas províncias, era a literatura. A qual servia como uma forma de entretenimento para as mulheres, onde se proporcionava a imaginação, com romances impossíveis, com lutas travadas entre o bem e o mal.

O vestir, o morar, o sentir. Apesar de dois dos temas serem ligados à aparência exterior - moda e casa constituem um exterior ainda pouco ligado ao mundo do trabalho. Coração é o tema mais interior, relacionado à subjetividade e ao sentimento. Coração é do corpo – a preocupação com a beleza- faz parte do coração, enquanto gostar de si própria, mas também se dirige à aparência exterior (BUITONI, 1990, p 68).

Em sua primeira edição, o *Jornal das Famílias* (1863, p. 2) já define quais são seus intuitos, e a quem eles são direcionados: “Jornal das Famílias, melhorar a nossa publicação. O Jornal das famílias, pois, é a mesma *Revista Popular* d’ora avante mais exclusivamente dedicada aos interesses domésticos das famílias brasileiras.”

Nesta primeira edição, o jornal não se direciona para as mulheres, porém deixa de forma subentendida, devido ao fato de que os interesses domésticos, da época, não faziam parte do interesse masculino, mas sim era empregada a figura feminina. Dulcília Schroeder Buitoni (1981, p. 11) reforça dizendo que “a linguagem diz as coisas, mas é a imprensa feminina que diz a mulher”.

Na sua segunda publicação, o *Jornal das Famílias* traz à tona questões sobre moda em suas últimas páginas, reforçando o que Buitoni pontua como “aparência exterior:

O verso do molde em papel amarelo (modelo 1) consta das diferentes partes do chambre (nº 1). O reverso consta do seguinte: Nº 1. — Bordado de retroz sobre seda, para golas de caps, etc (JORNAL DAS FAMÍLIAS, 1863, p. 31).

O ponto principal são as imagens que fecham o jornal, nesta mesma edição vemos uma imagem de duas mulheres e uma criança com vestidos devidamente “aceitos” para os padrões da época.

A escrita feminina no século XIX se fez nos jornais, os quais essencialmente eram ditos às mulheres, mas escritos e editados unicamente por homens. Vemos isso no próprio *Jornal das Famílias* que era modelo nas famílias brasileiras e ditava a vida das mulheres casadas e solteiras. Mas a educação feminina feita por homens não se iniciou com este periódico, na verdade isso vem de muito antes, por exemplo com o *Mentor das Brasileiras* (1829-1832) como destaca Karoline Carula (2016):

Desde o início do Oitocentos, a imprensa periódica se empenhou na causa da educação feminina. Nessa perspectiva, destaco o jornal mineiro O Mentor das Brasileiras, o qual circulou entre 1829 e 1832 veiculando um discurso da elite liberal moderada, que valorizava a educação da mulher como basilar para a construção da nação.⁴ As publicações periódicas destinadas ao público feminino eram escritas essencialmente por homens, o que passou a mudar na segunda metade do século XIX, quando surgiram alguns jornais escritos por mulheres. Cabe destacar, entretanto, que a produção desses periódicos direcionados às mulheres, ainda que escritos por homens, valorizava-as, de alguma forma, na construção da nação (CARULA, 2016).

A escrita se fazia de forma moralizante sempre para firmar os “bons costumes” dentro das casas. O *Jornal das famílias* fazia o possível para passar a segurança de que não infringiria a moral das famílias, deixando os maridos e pais mais tranquilos com suas esposas e filhas lendo jornais. Assim, consciente dessa realidade, o editor do *Jornal das Famílias* procurou mostrar em suas cartas o quanto o jornal era útil para suas leitoras. Caso o marido e/ou o pai folheassem, por curiosidade, o periódico, teriam a certeza de que este respeitava e reforçava a regra de boa conduta feminina esperada na época.

4 | A CRÍTICA SOCIAL NO CONTO *CASADA E VIÚVA*

O conto *Casada e Viúva*, de Machado de Assis, foi publicado em 1864 no *Jornal*

das famílias. A narrativa é dividida em três capítulos resultando num total de doze páginas, sendo a temática principal o casamento. No início da narrativa, há um casal que se mostra muito apaixonado, José Meneses e Eulália. Os recém-casados se mudam para uma chácara e levam sua vida de forma pacata. Neste primeiro momento, de felicidades, vemos claramente a supervalorização do casamento como detentor da felicidade, especificamente feminina, como mostra no trecho seguinte:

As mulheres tinham inveja à mulher feliz, e os homens riam dos sentimentos, um tanto piegas, do apaixonado marido. Mas os dois filósofos do amor relevaram à humanidade as suas fraquezas e resolveram protestar contra elas amando-se ainda mais (ASSIS, s/p).

As mulheres, neste caso, tinham inveja pela felicidade de Eulália que havia se casado, reforçando a ideia de que o casamento traz felicidade, já os homens riam de José Meneses que demonstrava seus sentimentos, neste momento podemos perceber uma crítica ao padrão de homens que não demonstravam sentimentos.

Eulália era descrita como uma mulher de muita sorte por ter encontrado um homem igual José, esta noção de sorte é construída pelo ideal de vida de que as mulheres precisam de um homem que as cuide e sustente, neste caso, José. No seguinte trecho temos essa questão explícita, apontando a sorte de Eulália em ter encontrado José.

Acontecia, pois, que, se as mulheres invejavam Eulália e se os homens riam de José de Meneses, as mães, as mães previdentes, a espécie santa, no dizer de E. Augier, nem riam nem se deixavam dominar pelo sexto pecado mortal: pediam simplesmente a Deus que lhes deparasse às filhas um marido da estofa e da capacidade de José de Meneses (ASSIS, s/p).

A mulher sempre teve sua figura voltada ao corpo e aos padrões da sociedade, neste conto não é diferente, pois precisava ser aceito pelo público de 1800. Eulália é a demonstração do que o jornal pregava, uma mulher dentro dos padrões de beleza que fosse educada e submissa dentro de sua casa, neste caso é colocada como “um prodígio de doçura”.

Mas cumpre dizer, para inspirar amor a maridos tais como José de Meneses, era preciso mulheres tais como Eulália Martins. Eulália em alma e corpo era o que há de mais puro unido ao que há de mais belo. Tanto era um milagre de beleza carnal, como era um prodígio de doçura, de elevação e de sinceridade de sentimentos. E, sejamos francos, tanta coisa junta não se encontra a cada passo (ASSIS, s/p).

O casal era sempre amoroso um com o outro, não haviam brigas, na verdade o conto aponta que Eulália chorava uma vez na semana, sempre que seu marido demorava para chegar em casa, mas ela não contestava quando ele chegava e se justificava colocando a culpa no excesso de trabalho.

Eles tiveram uma filha e como de costume a filha é retratada como uma felicidade planejada e esperada. Em um dia o casal se encontra conversando no portão quando

chegam dois personagens novos ao conto, são eles o casal Capitão e Cristiana Nogueira. Esse casal é diferente ao de Eulália, pois eles, como destaca o autor, são apenas “respeitosos” e não demasiados apaixonados como os amigos.

O casal de amigos decide passar alguns dias na chácara, neste ponto o conto começa a dar uma ênfase em José Meneses e Cristiana, que tiveram um relacionamento no passado, o qual Eulália e o Capitão desconhecem. Não demorou até que José em uma caminhada perguntou para Cristiana se ela não teria saudade do que os dois viveram, fugindo das indagações de José sobre o passado, Cristiana volta para casa, então Meneses fala:

— Onde vai? perguntou Meneses. Não vê que está agitada? Poderia fazer nascer suspeitas. Demais, pouco tenho a dizer-lhe. É uma despedida. Nada mais, em nenhuma ocasião, ouvirá de minha boca. Supunha que através dos tempos e das adversidades tivesse conservado pura e inteira a lembrança de um passado que nos fez felizes. Vejo que me enganei. Nenhum dos caracteres superiores que eu enxergava em seu coração tinha existência real. Eram simples criações do meu espírito demasiado crédulo. Hoje que se desfaz o encanto, e que eu posso ver toda a enormidade da fraqueza humana, deixe-me dizer-lhe, perdeu um coração e uma existência que não merecia. Saio-me com honra de um combate em que não havia igualdade de forças. Saio puro. E se no meio do desgosto em que me fica a alma, é-me lícito trazê-la à lembrança, será como um sonho esvaecido, sem objeto real na terra (ASSIS, s/p).

Neste momento, Meneses retoma lembranças de um romance que não havia memórias, pois foi infantil e sem momentos afetivos. Essa busca pelas lembranças com outra mulher vai contra o que era dito como correto na época, o que chocava o público que lia, pois os bons costumes pregavam a monogamia e o casamento, algo como esta conversa já seria levado como traição, da mulher, não do homem.

Uma evidencia da crítica ao casamento do século XIX, é a quebra da fidelidade, já que ele aponta a fidelidade que Eulália tinha com José, pois mesmo com a agitação de Cristiana, ela não foi capaz de desconfiar de nada, acreditando totalmente que seu marido não faria algo do gênero.

Depois deste episódio, Cristiana e o marido vão para sua casa e se despedem de Meneses e Eulália. Passados quinze dias, José aparece até a porta de Cristiana, a qual estava sozinha e vivia pensando na conversam que haviam tido:

Meneses parou à porta e disse com um sorriso nos lábios:

— Dá licença?

Depois, sem esperar resposta, dirigiu-se para Cristiana; estendeu-lhe a mão e recebeu a dela fria e trêmula. Puxou cadeira e sentou-se ao pé dela familiarmente.

— Nogueira saiu? perguntou depois de alguns instantes, descalçando as luvas.

— Saiu, murmurou a moça.

— Tanto melhor. Tenho então tempo para dizer-lhe duas palavras.

A moça fez um esforço e disse:

— Também eu tenho para dizer-lhe duas palavras.

— Ah! sim. Ora bem, cabe às damas a precedência. Sou todo ouvidos.

— Possui alguma carta minha?

— Possuo uma.

— É um triste documento, porque, respondendo a sentimentos de outro tempo, se eram sentimentos dignos deste nome, de nada pode valer hoje. Todavia, desejo possuir esse escrito.

— Vejo que não tem hábito de argumentar. Se a carta em questão não vale nada, por que deseja possuí-la?

— É um capricho.

— Capricho, se existe algum é o de tratar por cima do ombro um amor sincero e ardente.

— Falemos de outra coisa.

— Não; falemos disto, que é essencial.

Cristiana levantou-se.

— Não posso ouvi-lo, disse ela (ASSIS, s/p).

Em seguida, Meneses fala que não ama Eulália, que na verdade deu seu nome a ela, mas não seu coração e amor, neste instante sua mulher entra a sala com duas cartas nas mãos, as cartas eram de amantes de Meneses. Visto essa situação, Eulália passa mal no sofá e Cristiana a ajuda:

Meneses, lívido como a morte, mas cheio de uma tranqüilidade aparente, deu dois passos e apanhou as cartas que caíram da mão de Eulália. Leu-as rapidamente. Descompuseram-se-lhe as feições. Deixou Cristiana prestar os seus cuidados de mulher a Eulália e foi para a janela. Aí fez em tiras miúdas as duas cartas, e esperou, encostado à grade, que passasse a crise de sua mulher (ASSIS, s/p).

O conto é uma contestação de Machado de Assis ao modelo social da época e sua moral, em que vários casos como o de Meneses acontecem todos os dias, mas a figura da família deve se manter, por este motivo as mulheres acabam por aceitar as traições dos maridos, tanto que Meneses nem se mostra abatido com o ocorrido da descoberta de Eulália, sabendo que o desfecho não seria outro a não ser a reconciliação:

A pobre mãe, viúva da pior viuvez desta vida, que é aquela que anula o casamento conservando o cônjuge, só vivia para sua filha.

Dizer como acabaram ou como vão acabando as coisas não entra no plano deste escrito: o desenlace ainda é mais vulgar que o corpo da ação.

Quanto ao que há de vulgar em tudo o que acabo de contar, sou eu o primeiro a reconhecê-lo. Mas que querem? Eu não pretendo senão esboçar quadros

ou caracteres, conforme me ocorrem ou vou encontrando. É isto e nada mais (ASSIS, s/p).

Machado de Assis, nessa narrativa, revela que os adultérios ocorriam frequentemente nas famílias e eram encobertos. Há uma crítica à grande pressão que era posta sobre a mulher, ainda mais quando haviam filhos, pois esta devia se submeter a reconciliação já que necessitava preservar o futuro de sua família, visto que o homem era o detentor de todo poder aquisitivo. Assis demonstra, também, o modelo de moral familiar, pois a criança deveria ter um futuro com pai e mãe, mesmo que isto custasse a felicidade da mãe/esposa pelo resto de sua vida.

No conto analisado, Machado de Assis expõe o casamento como um bem, simboliza metaforicamente uma propriedade, um capital simbólico. Isso ainda se acentua quando se associa ao dote: uma garantia para as moças afiançarem a aquisição desse bem. Os dois elos, então, reiteram o casamento como posse: a esposa na medida em que oferece um capital para o pretendido e depois ainda lhe serve como meio – de certa maneira – desse investimento não ser desperdiçado e o marido como o responsável pela manutenção do casal e pela aquisição do dinheiro.

A representação da mulher, nos textos de Machado de Assis no *Jornal da Família*, mostra senhoras de seus lares, dedicadas às tarefas do lar como bordado e desenho, responsáveis pela educação dos filhos e em coordenar a rotina doméstica. As personagens são tipicamente brasileiras, moradoras do Rio de Janeiro, representantes da sociedade burguesa da época. Os contos machadianos estão repletos de cenas do cotidiano fáceis de serem identificadas com a vida das leitoras. A força da personagem feminina é tão grande que os assuntos abordados nos contos tratam de temas ligados à vida cotidiana da mulher, bem adequados aos interesses da leitora. Assim, os negócios locais, a política, as finanças foram abandonadas para dar lugar à vaidade, ao ciúme, ao amor, enfim, aos temas ligados ao casamento.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da pesquisa, observamos como as mulheres foram representadas no oitocentismo brasileiro. Machado de Assis teve uma grande participação no *Jornal das famílias*, escrevendo contos em forma de folhetins, os quais deveriam trazer a romantização do modelo patriarcal vigente dentro das famílias. Porém, Assis traz em seus contos críticas à sociedade de 1800, evidenciando em seu conto “Casada e Viúva” as traições aos moldes familiares que ocorriam e a pressão que caía sobre a mulher como mãe e esposa.

Embora tenhamos avançado significativamente desde o século XIX, reconhecemos que ainda estamos distantes de eliminar esses pensamentos que continuam a ditar regras em lares não apenas no Brasil, mas em todo o mundo. Ao longo da história, as mulheres foram descritas predominantemente por homens, mas hoje elas estão assumindo o

controle de suas próprias narrativas, deixando de ser meras figurantes para se tornarem protagonistas de uma revolução.

É essencial prosseguir desafiando e rompendo as barreiras sociais que limitam a autonomia e a expressão das mulheres. Ao valorizar e ampliar as vozes femininas, podemos aspirar a um mundo mais equitativo e inclusivo, onde todas as pessoas desempenham um papel central na construção de seus destinos e contribuem para o bem-estar da sociedade como um todo. Embora a jornada rumo à igualdade de gênero seja contínua, com as mulheres escrevendo suas próprias histórias, podemos esperar um futuro mais brilhante e progressista para as gerações vindouras.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Sílvia Maria. **De Revista Popular a Jornal das Famílias: A imprensa carioca do século XIX a serviço dos interesses das famílias brasileiras**. Belo Horizonte: 2. Congresso Abralic – Literatura e memória cultural, 1991.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Mulher de Papel**. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

CARULA, Karoline. **A imprensa feminina no Rio de Janeiro nas décadas finais do século XIX**. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2016000100261. Acessado em: 15 de ago. 2019.

CRESTANI, Jaison Luís. **A colaboração de Machado de Assis no Jornal das Famílias: subordinações e subversões***. 2006. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/109/580>. Acessado em: 15 de set. 2019.

DUARTE, Constância Lima. **IMPRENSA FEMININA E FEMINISTA NO BRASIL: SÉCULO XIX - DICIONÁRIO ILUSTRADO**. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v36/1980-4369-his-36-e17.pdf>. Acessado em: 08 de ago. 2019.

GRANJA, Lúcia. **Machado de Assis, escritor em formação**. Mercado de Letras, 2000.

Jornal das Famílias. Paris: Garnier, 1863-1878. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=339776&PagFis=>. Acesso em: 19 de set, 2018.

LIMA, Sandra Lúcia Lopes. **IMPRENSA FEMININA, REVISTA FEMININA. A IMPRENSA FEMININA NO BRASIL**. 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/viewFile/2219/1320>. Acessado em: 14 de ago. 2019.

MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MILLET, Kate. **Política sexual**. Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote, 1974.

MIRANDA, Kátia; AZEVEDO Sílvia. **Revista Popular (1859-1862) E Jornal Das Famílias (1863-1878): Um Perfil Dos Periódicos De Garnier**. TriceVersa, Assis, v.3, n.2, nov. 2009-jun.2010. Disponível em: <http://www2.assis.unesp.br/cilbelc/triceversa/publicacao/8/arq4ce65b4913393.pdf>. Acesso em: 19 de setembro de 2018.

MUZART, Zahidé Lupanacci. **UMA ESPIADA NA IMPRENSA DAS MULHERES NO SÉCULO XIX**. 2003. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2003000100013>>. Acessado em: 18 de set. 2019.

PINHEIRO, Alexandra Santos. **Para além da amenidade - O Jornal das Famílias (1863-1878) e sua rede de produção**. 2007. Disponível em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/teses/pdfs/alexandra.pdf>> Acessado em: 20 de set. 2019.